

A pequena Comanche

Há muito, muito tempo, uma seca abateu-se sobre o território dos Índios Comanches do Texas. As imensas pradarias verdejantes tornaram-se amarelas e secas. Um vento incendiário, carregado de pó, gretou o solo e secou os rios. Pouco a pouco, os bisontes emigraram em busca de terras mais acolhedoras.

Os Índios sofriam com fome e sede. Oravam e dançavam em vão: as chuvas não caíam e os homens começaram a morrer.

Foi então que um ancião, o sábio curandeiro, compreendeu a causa do sofrimento do seu povo: o coração dos homens tornara-se tão seco quanto a terra e os seus pensamentos tão áridos quanto o vento.



Houve um tempo, recordava ele, em que os Índios se entreadujavam e partilhavam as riquezas. Protegiam os mais fracos, alimentavam os mais necessitados e ocupavam-se dos anciãos e dos doentes. Agora, cada um caçava e colhia para si próprio, escondendo invejosamente o que possuía. Discutiam e batiam uns nos outros por tudo e por nada.

A neta do curandeiro estava sentada ao seu lado. Recordava as histórias do avô, que descreviam o tempo em que as flores perfumavam o ar, os pássaros multicolores chilreavam nas árvores e os peixes cintilantes nadavam no rio. Muitos bisontes pastavam, então, na erva abundante.

O seu coração encheu-se de tristeza, ao pensar que as crianças da sua tribo jamais conheceriam a riqueza da terra e a beleza dos costumes antigos.

— Avô — implorou ela — deve haver, com certeza, um meio para que o Espírito do Sol nos perdoe o nosso egoísmo.

— Minha querida — respondeu com tristeza o ancião — se pudéssemos reaprender a partilhar aquilo que temos, a respeitar os outros e a abrir os nossos corações, tudo estaria bem.

A criança refletiu nestas palavras sábias. Quando a noite caiu, convocou todos os membros da tribo para uma reunião.

— Irmãos e irmãs — disse — chegou a altura de fazermos um sacrifício. Lembrem-se de que, na nossa tradição, o esquecimento de si próprio é um ato muito importante. Por isso, vamos todos oferecer aquilo que temos de mais valioso e atirá-lo a uma fogueira para apaziguar o Grande Espírito.

Enquanto ela apanhava ramos e folhas para a fogueira, os Índios voltaram às tendas para ir buscar as ofertas. Mas, como não conseguiam separar-se dos objetos preferidos, trouxeram outros de menor valor a seus olhos.

A pequena Comanche não precisava de pensar naquilo que tinha de mais valioso. Era uma pequena boneca de madeira que o pai lhe esculpira. A mãe vestira-a com lindas roupas de pele, bordadas com pérolas multicolores e cosera uma magnífica pluma de um azul deslumbrante nas tranças feitas de correias de couro negro.

Como a pequena Comanche nunca se separava da boneca, esta, apesar de todos os cuidados, estragara-se e parecia velha e usada. Para a menina, porém, era a coisa mais bela à face da Terra.

Quando todos já tinham atirado a sua oferta para o braseiro, a pequena Comanche entregou a boneca às chamas.

Nesse mesmo instante, uma chuva doce e quente começou a cair. Face a esta chuva benfazeja, os Índios compreenderam a que ponto tinham sido egoístas e as suas lágrimas de arrependimento misturaram-se com a chuva.

Esta nova água, tão pura, apaziguou os anos de sofrimento daquele povo. Quando chegou a Primavera, as colinas do Texas cobriram-se de flores maravilhosas, de uma cor azul muito especial. Todos os Índios reconheceram nela a cor deslumbrante da pluma da pequena boneca, e souberam que o Grande Espírito lhes enviava um novo sinal da sua gratidão.

